

PORTUGAL
ANTIGO E MODERNO
DICIONARIO

Geographico, Estatistico, chorographico, Heraldico,
Archeologico,
Historico, Biographico e Etymologico

DE TODAS AS CIDADES, VILLAS E FREGUEZIAS DE PORTUGAL
E DE GRANDE NUMERO DE ALDEIAS

Se estas são notaveis, por serem patria de homens ceiebres,
por batalhas ou outros factos importantes que n'ellas tiveram logar,
por serem solares de familias nobres,
ou por monumentos de qualquer natureza, alli existentes

NOTICIA DE MUITAS CIDADES E OUTRAS POVOAÇÕES DA LUSITANIA
DE QUE APENAS RESTAM VESTIGIOS OU SÓMENTE A TRADIÇÃO
POR

Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal



LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE TAVARES CARDOSO & IRMÃO
5 — Largo do Camões — 6
1886

do grande parafuso—ou levantam e suspendem a pedra, como bem lhes apraz.

Juntam o cango em quadrado no meio do lagar; cobrem-no com tabuas;—sobre estas atravessam *malhaes* até tocarem no feixe erguido à maior altura;—depois, movendo o fuso em sentido inverso, levantam o peso, ficando o feixe assente sobre os *malhaes* e formando uma alçaprema tal que por vezes arruina a parede posterior que segura a outra extremidade do feixe!

O processo é rude, mas dá bom resultado.

O cango fica secco e duro como pedra, mas nos ultimos annos em algumas quintas mais luxuosas este processo foi substituido por prensas aperfeçoadas, de diversos systemas.

Pisa das uvas

Até hoje n'esta freguezia e em todo o Douro as uvas teem sido pisadas por homens, a pé nú, e costumam gastar com esta operação dois dias e duas meias noites,—serviço muito duro e sempre bem pago, principalmente o do *côrte* ou da primeira noite, que é feito por um numero d'homens correspondente ao numero de pipas da lotação do lagar,—por vezes 30.

Formam em cordão ou columna cerrada, muito unidos, assentando os braços nos hombros uns dos outros;—collam-se a um dos tampos do lagar e vão marchando muito morosamente e sempre em columna firme até à extremidade opposta, levantando as pernas a toda a altura do volume das uvas e *cortando-as* com os pés nus, até estes baterem no fundo do lagar.

Feito assim o *côrte*, debandam,—tocam, dançam e cantam, mas empenhando-se sempre em trazerem submersa a *manta* ou o cango que o mosto fervendo repelle até a superficie.

É uma lucta constante e fatigante, pelo que nos dias de lagarada o tractamento dos pobres homens é sempre melhor e alem d'isso lhes dão repetidas doses de vinho e de aguardente, pelo que muitas vezes se embriagam e travam grandes desordens, que rendem facadas, pancadas, tiros, ferimentos e *mortes*, porque ali nunca intervem a au-

toridade. Só impera a força dos desordeiros e dos feitores, que são escolhidos *ad hoc* e andam sempre *bem armados!*...

O Alto-Douro foi sempre muito desordeiro, não tanto pela indole dos seus habitantes, como por ter longos tractos de terreno deserto, habitado apenas temporariamente por milhares de trabalhadores que, atrahidos pela carestia dos jornaes, affluem de grandes distancias, inclusivamente da Gallisa;¹ e, como ali se lhes não pede documentos alguns, mas sómente aptidão e vigor, a grande colonia de jornaleiros do Douro abundou sempre em refractarios, desertores e malfeitores de toda a ordem,—inclusivamente ladrões e assassinos, pelo que os feitores e caseiros, para se fazerem respeitar e para conterem as demasias d'aquella medonha *troupe*, são sempre homens destemidos,—andam sempre bem armados—e teem quasi todos já passaporte para a Africa?!...

As quintas do Alto Douro eram como as carvoarias do Alto Alemtejo e como as linhas ferreas em construcção:—*grandes coutos de homisiados*.

Se antes da invasão phylloxerica se prendesse a um tempo todos os jornaleiros das quintas do Alto Douro, podia encher-se de criminosos um grande navio! E, se n'aquella vasta região se erguessem tantas cruces quantas as mortes que ali se teem feito, toda ella seria um vasto cemiterio e justificaria plenamente o classico anaxim:—*No Douro tudo é bom, menos o que falla*.

Distinguiram-se mais tristemente as povoações de Castanheiro do Sul, Valença do Douro, Casaes e Villa Nova de Foscôa, na margem esquerda do Douro,—e Covellinhas, Provezende, Sanfins, Carvalha d'Egas e outras, na margem direita.

Contribuia muito para a exaltação e excessos a superioridade e abundancia do vinho, pois ali qualquer pequena porção embriagava, pelo que as desordens, ferimen-

¹ V. *Villa Real* de Traz-os-Montes, vol. XI, pag. 4:016, col. 4.^o e sua respectiva nota.

tos e mortes abundavam sempre no acto das carregações. Que o digam os caes de Bagauste, Folgosa, Tello, Espinho, Valença, Bateiras, Corgo, Covellinhas, Gouvinhas, Donello, Pinhão, Roncão e Tua, onde se carregava a maior parte do vinho do Alto Douro e se fizeram *centos de mortes*?!...

Tambem contribuia muito para taes excessos o não haver no Douro, como no Minho, o costume de saldar 'contas a pau, mas a faca, a fouce, cutello de póda ou clavina.

Em todo o Alto Douro não ha um unico jogador de pau! Ali o pau é só brinquedo de creanças; mas difficilmente se encontrará uma casa sem fouces e armas de fogo — e todo o jornaleiro costuma trazer consigo o seu cutello de póda, sempre bem afiado e que é uma arma terrivel!...¹

Se os *beziagueiros* do Porto fizessem no Douro as *sortes* com que costumam *divertir-se* nos grandes arraiaes das cercanias, insultando e provocando os pacificos lavradores, — ou se os valentões do Minho, os grandes jogadores de pau, varredores de feiras, fossem ao Alto Douro ostentar valentias, — podiam ter a certeza de que a maior parte d'elles *lá ficava*!...

Os habitantes do Alto Douro são muito tractaveis, muito generosos e muito obsequiadores, mas com elles *ninguem brinca impunemente*.

Quem quizer *viver* no Alto Douro necessita de ser bem educado e muito prudente, — e não insulte nem provoque ninguem, aliás!...

Desculpem-nos tanta digressão, porque

¹ Nos ultimos annos, aproximadamente desde 1870, grande parte da póda no Douro é feita com thezouras francezas, mas até ali usavam cutellos pequenos e baratos, de 160 a 300 réis cada um, muito elegantes e muito differentes dos cutellos usados na Estremadura, no Minho e nas outras provincias.

Tinham *peito* convexo e muito arqueado, — *gavête* em linha recta, terminando em ponta viva, — e *pêta*, especie de machadinha, nas costas; — e tanto o *peito* como o *gavête* eram de fino aço e cortavam como uma lanceta. A póda no Douro foi sempre rotineira, mas feita *com todo o esmero*!

estamos fallando de uma das freguezias do Alto Douro, — região importantissima e excepcional, — e quizemos aproveitar o ensejo de dar algumas noticias d'ella no texto d'este dicionario, visto que o meu antecessor não a conhecia, como nós a conhecemos,¹ e por isso muito pouco disse d'ella e dos seus usos e costumes.

V. Douro n'este diccionario e no supplemento.

Prosigamos com *Villarinho de Cotas* :

Templos

1.^o — *Egreja matriz*.

É pequena, bastante antiga e suppõe-se ter sido feita no seculo xvi, pois n'ella se vê a data 1568. A capella-mór é mais moderna. Foi reedificada no ultimo seculo pelo benemerito arcebispo de Braga D. Fr. Caetano Brandão.

Tem este templo altar-mór e 2 lateraes.

2.^o — *Capella de Nossa Senhora do Couto*.

Suppõe-se que data de 1630; está interiormente revestida d'azulejo antigo — e no seu adro se fez outr'ora uma feira annual no dia de Nossa Senhora dos Prazeres, — 2.^a feira da paschoeta.

3.^o — *Capella de Santo Apolinario*.

É particular e vinculada, pertencente aos herdeiros de Manoel da Cruz Castello Branco, pae do advogado Manoel Alves de Meneses Abreu.

Foi edificada em 1771.

Pessoas notaveis

1.^o — *José Antonio Lopes da Veiga*

Foi cavalleiro-fidalgo e commendador da Ordem de Christo.

Falleceu aqui no 3.^o quartel d'este seculo, tendo casado em primeiras nupcias com D. Francisca Baptista, viuva do poeta Francisco José Cabral, de quem adiante fallaremos.

2.^o — *Antonio Teixeira Cavalleiro*, hoje o primeiro proprietario d'esta freguezia, —

¹ É quasi nossa terra natal, pois nascemos no *coração do Douro*.

V. *Corvaçeira, Peninjoia e Miragaya*, vol. V, pag. 230, col. 1.^a